

O processo de organização das mulheres dentro da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA) no Brasil

The women's organization process in the Nacional Coordination of Agroecology (ANA) in Brazil

SILIPRANDI, Emma Cademartori. Emater/RS, emma.siliprandi@gmail.com.

Resumo

Este artigo enfoca o processo de organização das mulheres dentro de uma rede social brasileira voltada para a promoção da agroecologia, a Articulação Nacional de Agroecologia (ANA), com o objetivo de mostrar as ações desenvolvidas pelas mulheres dentro da rede visando valorizar suas contribuições e demandas na construção do movimento agroecológico brasileiro. Por meio de articulações políticas – em particular, pela organização de um Grupo de Trabalho – as mulheres conseguiram obter visibilidade para as suas questões, fortalecendo-se enquanto sujeitos políticos. O artigo enfoca ainda pesquisa realizada com integrantes da Coordenação Nacional da ANA, utilizando-se metodologias de análises de redes sociais, sobre as relações que as instituições mantinham entre si no trabalho de gênero, a opinião dos seus membros sobre como o tema estava sendo tratado, e, em particular, sobre o papel cumprido pelo Grupo de Trabalho. Nas conclusões são apresentadas as opiniões da coordenação da rede com relação aos temas propostos, mostrando como o GT-Mulheres, um espaço de aglutinação das mulheres de distintas origens, vem contribuindo para a atuação política das mulheres no campo agroecológico.

Palavras-chave: Gênero, organização política, redes sociais, agricultura familiar-mulheres rurais

Abstract

This article focuses on the process of organization of women within a Brazilian social network dedicated to promoting agroecology, the National Coordination of Agroecology (ANA); its goal is to focus on actions that were developed by women within the network in order to enhance their contributions and demands in the construction of the agroecological movement. Through their political action - in particular, through the organization of a Working Group (WG)- women got visibility for their issues, strengthening themselves as political actress. The article also focuses on research conducted with members of the National Coordination of ANA, using social networks methods of analysis, which sought to understand the relationships between the institutions that worked on gender or women's organization, and the opinion of its members on the subject, and, in particular, the role that had been played by the WG formed. The conclusions present the views of the coordination of the network with respect to the themes proposed, showing how the existence of the WG-Women as a locus of agglutination of women from different origins, has been contributing to the political activity of women in agroecology movements.

Keywords: Gender, politic organization, social networks, family farmer- rural women.

Introdução

Neste artigo será focado o processo de organização das mulheres dentro da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA), uma rede social de âmbito nacional existente no Brasil. A ANA foi formada em 2002, ao final de um Encontro Nacional (I ENA), no Rio de Janeiro, com a participação de 1120 pessoas (70% homens e 30% mulheres). Foi o resultado de um processo de aproximação de diversos movimentos: organizações de base de produtores rurais e consumidores, movimentos sociais, inclusive de mulheres, organizações não governamentais, técnicos e pesquisadores. Seu objetivo comum era impulsionar a prática da agroecologia no país. Em sua Carta Política, a ANA se define como uma rede autogestionária, e declara que *“a igualdade das relações entre homens e mulheres é condição essencial para o alcance da sustentabilidade da produção agroecológica familiar”*. Desde aquele Encontro, as mulheres agricultoras, assim como as técnicas que as assessoram, têm tido uma atuação questionadora nos espaços da rede, procurando ampliar a sua participação nos eventos, influenciar as suas estratégias de atuação e a definição das pautas políticas da entidade. Um Grupo de Trabalho de Gênero foi criado em 2004, e teve um papel fundamental na preparação do encontro seguinte (II ENA), ocorrido em 2006, sendo responsável por uma série de ações objetivando fortalecer a participação das mulheres na rede, entre elas: a mobilização das mulheres para participar de todas as comissões temáticas preparatórias ao II ENA; a elaboração de materiais de reflexão sobre os temas considerados prioritários para as mulheres; a promoção de encontros nacionais e regionais de mulheres como espaços de capacitação para a intervenção; e pressão sobre as coordenações regionais (e sobre as entidades de base) para garantir que fosse cumprida a cota de 50% de mulheres delegadas ao encontro. Esse processo levou a que: (i) as mulheres delegadas chegassem a 46% dos participantes do II ENA (em um total de 1500 pessoas; um caso inédito em movimentos rurais, onde as mulheres historicamente têm sido minoritárias); (ii) muitas experiências apresentadas no encontro mostrassem o protagonismo das mulheres; (iii) conseguissem realizar no Encontro uma oficina específica com 300 participantes. Alcançaram, assim, um aparecimento público surpreendente em movimentos mistos da agricultura familiar. A Carta Política do II ENA inclui também questões como a igualdade de gênero e a luta contra a violência sexista: *“As mulheres e seus movimentos têm participado ativamente da promoção da agroecologia. Chamam a atenção para a necessidade de valorização do seu trabalho; criticam a hierarquização e a fragmentação entre trabalho produtivo e reprodutivo; defendem o compartilhamento das responsabilidades pelo cuidado da casa e da família; e reafirmam o direito de serem reconhecidas como agricultoras, camponesas e agroextrativistas.”* (ANA, 2006).

Metodologia

O histórico da participação das mulheres nas instâncias internas da ANA foi obtido através de entrevistas com informantes qualificados e de consultas a documentos de instituições integrantes e da própria rede. Para aferir o grau de importância dado às questões de gênero dentro da ANA, realizou-se também uma pesquisa exploratória envolvendo instituições que faziam parte de sua Coordenação Nacional, no período de novembro de 2006 a janeiro de 2008 (SILIPRANDI, 2008; 2009). O objetivo principal dessa pesquisa foi identificar quais as instituições dentro da ANA, naquele período, realizavam ações sobre o tema de gênero e/ou assessoravam grupos de mulheres, assim como verificar as relações de parceria que existiam entre essas instituições, e a opinião daqueles atores sociais sobre a forma como a rede vinha tratando esses temas. Por meio de um questionário com perguntas abertas e fechadas, focadas no relacionamento entre as instituições, fez-se uma análise sobre a abrangência do tema de gênero dentro da rede e sobre as entidades que são referência para essa discussão. À luz de teorias sobre redes sociais (que analisam características, estruturas, funções, e aspectos da sua dinâmica interna) e com o apoio dos softwares Ucinet 6, *Social Network Analysis Software*; (BORGATTI et al., 2002) e Netdraw, *Graph Visualization Software* (BORGATTI, 2002), pode-se visualizar e avaliar as relações entre as instituições estudadas. Alguns dos principais resultados serão apresentados aqui; o conjunto da pesqui-

sa está descrito e analisado em SILIPRANDI (2009).

Resultados e discussões

O universo da pesquisa foi a Coordenação Nacional da ANA, formada, na época, por 56 instituições; deste total, 46 responderam ao questionário (82% do enviado). Entre os que responderam, 43 (93%) declararam que mantinha programas ou projetos relacionados com grupos de mulheres ou com o tema das iniquidades de gênero. Cinco entidades se declaram como organizações feministas; outras seis eram voltadas prioritariamente para trabalhos com mulheres; ou seja, 24% dos que responderam tinham como objetivo principal trabalhar com os temas de gênero, feminismo e/ou grupos de mulheres. Foram citados 94 projetos em andamento referentes a gênero/mulheres, sendo que 60% deles se referiam ao fornecimento de apoio técnico e gerencial para grupos produtivos de mulheres, assim como para atividades de articulação entre grupos, formação técnica e política de mulheres. Praticamente todas as instituições consideraram que o tema de gênero era importante para a ANA, pelas seguintes razões: (i) o comprometimento da ANA com um novo modelo de sociedade, não apenas de produção e comercialização de produtos agrícolas, mas também de relação entre as pessoas, baseada em princípios de equidade e democracia; o reconhecimento de que as relações de gênero hoje existentes são injustas, exigindo que a rede se posicione e atue em favor da superação das desigualdades; (ii) a importância de dar visibilidade às contribuições das mulheres em todos os campos das práticas sustentáveis, e, portanto, promover ações que estimulem a sua participação enquanto *sujeito político* autônomo; (iii) em função do público principal da ANA ser formado por organizações da agricultura familiar *lato senso*, em que questões como autoridade familiar, divisão sexual do trabalho, relações de poder dentro da família, muitas vezes, são entraves para a maior participação das mulheres (e também dos jovens); seria necessário que a ANA colocasse na sua pauta questões como violência doméstica, enfrentamento de conflitos familiares e temas semelhantes, para que a construção do movimento agroecológico também se fizesse *com base na diversidade de sujeitos*. Com relação às instituições de referência dentro da ANA para as discussões de gênero e organização de mulheres, foram citadas 128 entidades, que podem ser vistas no diagrama a seguir; por compromisso da pesquisa, as instituições não serão identificadas.

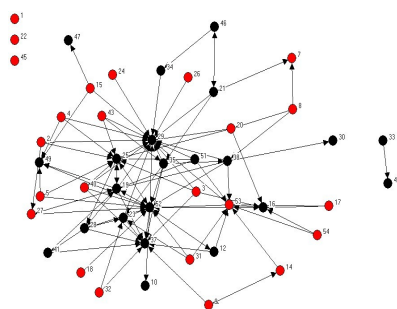


FIGURA 1. Instituições de referência sobre o tema de gênero na ANA. Fonte: SILIPRANDI, 2008.

Legenda:

em preto: organizações que fazem parte do GT-Gênero da ANA

em vermelho: demais organizações

Instituições que fazem parte do Núcleo Executivo da ANA: 7; 25; 29

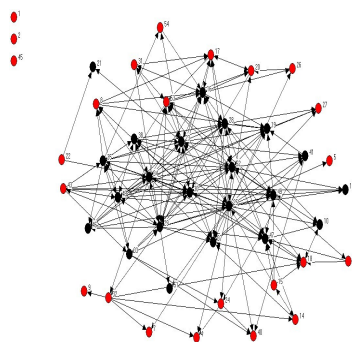
Instituições que se declaram feministas: 16; 17; 19; 52; 53

Instituições cujo propósito principal é trabalhar com mulheres rurais: 5; 36; 37; 38; 39; 48.

Pode-se destacar as seguintes questões, a partir dessa figura: (i) entre as organizações mais indicadas, com exceção de três delas, *todas as demais* fazem parte do GT-Gênero; entre as cinco que obtiveram mais indicações, *duas fazem parte do núcleo executivo da ANA*; (ii) as entidades feministas estão entre as mais citadas, o que mostra o reconhecimento dessas entidades como referência, ainda que não unânime na rede; (iii) todas aquelas que participam do GT-Gênero, foram citadas por alguma outra como referência para a questão de gênero. Na figura a seguir, vemos com quais instituições cada integrante da coordenação mantém projetos ou trabalha em conjunto sobre o tema de gênero. É baseada no preenchimento de uma tabela, em que as institui-

Resumos do VI CBA e II CLAA

ções deveriam marcar, entre as 56 organizações listadas, com quem efetivamente trabalhavam sobre esses temas.



gênero, com destaque para o GT-Gênero. Fonte: SILIPRANDI, 2008.

Legenda:

Em preto: integrantes do GT-Gênero

Em vermelho: demais organizações.

Instituições que fazem parte do Núcleo Executivo da ANA: 7; 25; 29

Instituições que se declaram feministas: 16; 17; 19; 52; 53

Instituições cujo propósito principal é trabalhar com mulheres rurais: 5; 36; 37; 38; 39; 48.

FIGURA 2. Com quem trabalha junto, sobre o tema de

Esta figura nos mostra que existe um trabalho em conjunto sobre o tema de gênero entre a maioria dos integrantes da ANA; apenas três organizações mantêm-se isoladas. Confirma-se também que os integrantes do GT-Gênero são os “nós” que mantém um número maior de projetos entre si sobre esse tema (estão na área central do diagrama), o que reforça a idéia de representatividade e de conexão real entre os integrantes desse GT.

Conclusões

A participação das mulheres nos movimentos agroecológicos brasileiros não se iniciou na ANA; no entanto, no âmbito dessa articulação, assistiu-se a um fortalecimento dessa participação, impulsionada pelo trabalho desenvolvido pelo Grupo de Trabalho de Gênero, formado por lideranças femininas oriundas de diferentes organizações, tanto mistas como apenas de mulheres, mas cujo objetivo comum era dar visibilidade à participação feminina na construção do movimento agroecológico (SILIPRANDI, 2009). A pesquisa realizada mostrou que: (i) o tema de gênero é um tema importante dentro da ANA hoje; (ii) existem trabalhos em conjunto sobre o tema de gênero entre a maioria dos integrantes da ANA; (iii) há um reconhecimento do GT-Gênero, como referência para o tratamento da questão dentro da rede; em especial, evidenciou-se uma visão positiva sobre as ações desenvolvidas pelo GT desde a preparação do II ENA; (iv) a inclusão do tema de gênero como um tema transversal na rede ainda é um processo; (v) o tema de gênero está presente no Núcleo Executivo da rede, condição importante para a politização da discussão e para influenciar o conjunto da rede; (vi) existem diferentes discursos – positivos e negativos – acerca do papel das entidades feministas dentro da ANA. Assiste-se a um esforço de colocar os temas das mulheres na pauta geral; no entanto, esse esforço tem sido feito principalmente pelas mulheres organizadas, enquanto, nas estruturas de coordenação da rede, a maioria dos integrantes ainda é formada por homens. Pode-se afirmar, entretanto, que a existência do GT-Mulheres da ANA, ao propiciar a aglutinação de mulheres oriundas de distintos movimentos, tem cumprido um papel fundamental na afirmação das mulheres enquanto sujeitos políticos atuantes, também no campo agroecológico.

Referências

ANA - ARTICULAÇÃO NACIONAL DE AGROECOLOGIA. *Carta Política do II Encontro Nacional de Agroecologia*. Recife: ANA, 2006.

BORGATTI, S.P. *NetDraw*: graph visualization software. Harvard: Analytic Technologies, 2002.

Resumos do VI CBA e II CLAA

BORGATTI, S.P., EVERETT, M.G.; FREEMAN, L.C. *Ucinet for Windows*: software for social network analysis. Harvard: Analytic Technologies, 2002.

ENCONTRO NACIONAL DE AGROECOLOGIA, 1. 2002. (I ENA). *Carta Política...*, 2002. Disponível em: <<http://www.agroecologia.org.br>>. Acesso em: 29 set. 2006

SILIPRANDI, E. *A presença da discussão de gênero e das questões das mulheres na articulação Nacional de Agroecologia*. Brasília: UnB, 2008. Relatório de Pesquisa. (mimeo)

SILIPRANDI, E. *Mulheres e Agroecologia*: a construção de novos sujeitos políticos na agricultura familiar. 2009. Tese (Doutorado) - Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília. Brasília, 2009.